

KLEMPERER, Victor. LTI: A linguagem do Terceiro Reich. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. 424p

*Elio Cantalício Serpa**

ecserpa@gmail.com

*Marcello Felisberto Moraes Assunção ***

marcellofma@gmail.com

“LTI A Linguagem do Terceiro Reich”, de Victor Klemperer, é uma obra fundamental, pois demonstra a importância dos usos da língua para apreensão de uma cultura histórica, neste caso a nazista. O livro de Victor, organizado a partir dos diários que escreveu entre 1933-45, é um relato que evidencia o período da ascensão e institucionalização do nazismo, a partir de uma diversidade de temas, como o antissemitismo, o shoa¹, a ideologia nazista e o cotidiano urbano, sobre o foco dos *judenhaus* (casas de judeus), vivido pelos nazistas, judeus e outros grupos.

Victor nos mostra tanto questões em nível macro, a ascensão e adesão das massas ao nazismo e a formação de um regime de pretensão totalitária, como também em nível micro, enfocando relatos de pessoas comuns que evidenciam outras imagens que podem muitas vezes subverter esta pretensão totalizadora do nazismo².

Mas o livro não se resume a isto, pois ele não é só um testemunho de alguém que viveu o período e que construiu sua memória a partir da ótica urbana, o que já seria mais do que suficiente para lê-lo, mas também é uma análise construída a partir do olhar específico de um filólogo que vivenciou o período e que buscou entender como a linguagem foi usada pelos nazistas como elemento de manipulação ideológica.

Klemperer deixa explícito, logo no início do texto, tanto a razão científica – a busca pela sustentação da sua tese de que o nazismo se consolidou quando dominou a linguagem – e o seu objetivo educacional ao escrever a LTI, já que para ele não era suficiente apagar a ação nazista, mas também

* Doutor em História Social. Professor Associado I. Faculdade de História/UFG. Pesquisador CNPq.

** Graduando em História pela Universidade Federal de Goiás/Bolsista PIBIC .

se deveria extinguir a mentalidade nazista, que tem na língua o seu solo mais fértil (KLEMPERER, 2009 p. 38), pois ela conseguiu permear tanto beneficiários e vítimas³ (p. 51), quanto o meio “intelectual” e “popular”⁴, e tinha ainda no presente de Victor, no imediato pós segunda guerra mundial, sua permanência.

Para poder construir um mapa do que se constitui a LTI e de como esta foi usada, Victor quebra a sequência cronológica dos diários, dividindo-os por temas para poder fazer com que o leitor entenda como ocorreu o duplo processo de empobrecimento e abundância da linguagem, que resultou naquilo que Victor chama de Linguagem do Terceiro Reich.

Evidencia-se, a partir deste processo de distorção e empobrecimento da linguagem em vocábulos e conceitos, uma série de problemáticas que não se relacionam somente ao que se constitui a ideologia nacional-socialista, mas, também, como ocorreu sua difusão e como esta se instalou. Registrou o autor que:

‘[...] o efeito mais forte não foi provocado por discursos isolados, nem por artigos ou panfletos, cartazes ou bandeiras. O efeito não foi obtido por nada que se tenha sido forçado a registrar com o pensamento ou a percepção conscientes. O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases que foram impostas pela repetição, milhares de vezes, e foram aceitas inconscientes e mecanicamente’ (KLEMPERER, p. 55).

Para concretizar esta imposição, o regime teve que dominar a linguagem, concretizando este ato, pelo menos em nível “oficial”, a partir do domínio e uniformização da linguagem escrita em livros, revistas e relatórios oficiais, o que explica para Victor a uniformidade da linguagem oral. É por esta pretensão “totalizante” do regime, que é buscada através da linguagem, que Victor vê a LTI como um importante objeto de estudo.

A análise da LTI se desenrola ao longo dos seus 36 capítulos e de um posfácio, a partir de uma série de temas⁵ relacionados com as vivências de Victor. Destaco a questão da distorção dos vocábulos e conceitos por ser o fio condutor do livro, a partir do empobrecimento e uniformização da linguagem, reforçando a tese de que o nazismo se consolidou quando dominou a linguagem.

Um exemplo marcante de empobrecimento da linguagem são as palavras fanático (fanatisch) e fanatismo (fanatismus), pois elas têm os seus sentidos, que antes eram pejorativos, positivados, sendo associadas pela LTI

a virtudes como valentia, coragem, entrega apaixonada e heroísmo, como demonstra Victor (p. 56),

‘Se por longo tempo, alguém emprega o termo fanático no lugar de “heroico” e “virtuoso”, ele acaba acreditando que um “fanático” é mesmo um herói virtuoso e que sem fanatismo não é possível ser herói. As palavras fanático e fanatismo não foram criadas pelo Terceiro Reich, mas seu sentido foi adulterado; em um só dia elas eram empregadas mais do que em qualquer outra época.’

O uso exagerado de superlativos é uma característica fundamental da LTI, pois são o melhor instrumento à disposição do orador/agitador para distorcer os fatos. Esta prática se materializa no uso de números irrealistas da guerra⁶, como no uso de palavras como “grande” (grande ofensiva, grande manifestação, etc) e “histórico” (todos os discursos de Hitler são de importância histórica mundial, *wethistorisch*) para se referir a qualquer ação e discursos de dirigentes, civis e militares, mesmo nos acontecimentos mais ínfimos do regime.

Um outro exemplo fundamental do vocabulário da LTI é o uso excessivo de conceitos técnicos, que são específicos de uma área e transpostos para se referir a seres humanos (individualmente e coletivamente), estes que terão vários usos pelo Terceiro Reich. Em um dos usos se objetivava a reificação do “outro”, como no caso das palavras “trucidar” e “liquidar”, ditas em relatórios militares, que se referem ao extermínio do inimigo, a partir dessas expressões transpostas de áreas que as usam se referindo a coisas. Como no caso do termo liquidar (*liquidiert*), originário da linguagem dos negócios, e que em um dos seus usos servia para dar a ideia de um negócio fechado, finalizado, evidenciando que a transposição desta expressão para pessoas objetivava associar que os inimigos eram eliminados como bens materiais, coisas.

No entanto, esta prática reificadora só se aplicava ao “outro”, englobando todo não ariano como um “outro”, visto como um sub-humano e por isto poderia ser tratado como coisa, em contraponto ao ariano (germano e de sangue nórdico) que tinha supostamente a verdadeira humanidade. Apesar de não reificar e coisificar a personalidade do próprio ariano, o regime irá dar um lugar específico a esta, que pode ser representado a partir do uso das expressões técnicas para seres humanos.

A lógica da personalidade no nazismo se inseria dentro do princípio da autoridade que fazia com que as ordens não fossem feitas por um

funcionário impessoal, mas por um chefe responsável, um *subführer*, que ao invés de representar ordena⁷, condicionando uma ação dos comandados (*unterführers*) que fosse feita cegamente (*blindlings*), sem questionamentos, o que é típico da educação militarizada.

É neste sentido que reside a automatização destes indivíduos, pois nas mãos dos vários *führers* estes deveriam se transformar em máquinas que se põem em movimento quando acionadas por “botões”, como o é um autômato. Este “botão” eram as expressões técnicas, como é o caso do verbo *gleichshalten* (Sincronização da voltagem na energia elétrica) que era usado pelo Terceiro Reich com o objetivo de reproduzir o sentido de uniformização de ideias, atitudes e ações, como no caso de acertar o passo nas paradas militares.

Estas expressões não são só encontradas em termos de comparação de ações e ideias com efeitos, como a sincronização da voltagem. O regime, além de comparar seres humanos a máquinas, também irá dizer que estes são máquinas, como na frase de Goebbels, “Brevemente, em diversas regiões operaremos em rotação máxima” (KLEMPERER, 2009, p. 247), já não se compara, mas se diz que estes são as próprias máquinas.

O uso excessivo de abreviaturas pela LTI é também característico do tecnicismo e, portanto, dessa busca por organizar todas as esferas da sociedade, já que o regime pretende se apoderar de todos os meios e de todos os espaços, como uma religião. Para efetivar esta pretensão, o regime enquadra as pessoas em várias “comunidades de conjurados”, HF (Juventude Hitlerista), DAF (Frente Alemã de trabalho), SA, SS, etc..., que com suas respectivas abreviaturas buscam estar presentes em todos os lugares, evidenciando a partir destas uma busca pela corporativização da sociedade.

A partir da análise dessas expressões e conceitos – que são repetidas em todos âmbitos da sociedade desde os beneficiários e vítimas do regime até no meio intelectual e popular –, Victor deixa claro a importância da LTI para o maior conhecimento do fenômeno nazista.

Sua análise é resultado da primeira dobra do acontecimento, no tempo da memória, e é feita pelo olhar singular do filólogo, por isto se torna única e pode servir para uma grande diversidade de estudos, como a sociologia, história, linguística etc, pois, como Victor diz, a LTI não foi completamente mapeada com sua análise e por isso era necessário que as gerações posteriores, a partir de diversas perspectivas, destrinchassem as diversas dimensões da Linguagem do Terceiro Reich.

NOTAS

- 1 Shoa (p. 12) é uma designação que abrange não só o extermínio judeu, como é o caso do termo “holocausto”, mas também se refere ao extermínio dos demais povos e grupos diferentes, homossexuais, ciganos, testemunhas de Jeová e opositores políticos.
- 2 Com relação à relativização desta tendência totalizadora sobre os indivíduos, ver os capítulos 8, 11 e 16, respectivamente, “Dez anos de fascismo”, “Limites mal definidos” e “Em um único dia de trabalho”.
- 3 Como diz Victor no capítulo 28, “A Linguagem do Vencedor”, ao ter sua amiga Elsa Glauber, judia e filóloga, usado um termo distorcido pela LTI “germanidade fanática”, que associa fanático a uma questão positiva como a entrega apaixonada a algo, no caso a sua entrega a germanidade, além de vários outros exemplos de judeus que usam o vocabulário da LTI.
- 4 No capítulo 18, “Nele eu acredito”, Victor mostra, a partir de dois casos, um do meio “popular” e outro do meio “intelectual”, o uso desta linguagem.
- 5 Esta resenha não consegue abarcar todos os temas trabalhados por Victor e, por isto, a opção pelo principal, apesar de existirem diversos outros temas importantes, como a busca pela raiz do nazismo ver capítulo 21 e 29.
- 6 Como no exemplo de um boletim militar de 1941, que dizia que 200 mil homens estavam cercados em Kiev e poucos dias depois, nesse mesmo cerco, anunciaram-se 600 mil prisioneiros, evidenciando assim a imprecisão dos dados (p.332).
- 7 Como demonstra Victor (p. 241) ao se referir à forma como o chefe da polícia, um *subführer*, destina uma calça a este: “Eu, o chefe da polícia, pessoalmente destinei uma calça usada ao judeu Klemperer”.